

37

A globalização e seus malefícios

Joseph E. Stiglitz



1ª edição
**Globalization
and its discontents**
W.W. Norton, 2002
282 p. (capa dura)
978-0393051247



Edição atual no
Reino Unido
**Globalization
and its discontents**
Penguin Books, 2002
320 p. (brochura, nova
edição)
978-0141010380

Edição atual nos
Estados Unidos
**Globalization
and its discontents**
W.W. Norton, 2003
304 p. (brochura)
978-0393324396

Ideias-chave

- ▶ A globalização, liderada pelas instituições internacionais, como o Banco Mundial e o FMI, não cumpriu a promessa de melhorar o mundo.
- ▶ O compromisso do Banco Mundial e do FMI com os mercados livres como ideologia levou a muitos erros, em alguns casos drásticos, à custa dos pobres.
- ▶ Não existe coisa como informação perfeita nos mercados e, portanto, a “mão invisível” não funciona no melhor interesse de todos.
- ▶ O problema não é a globalização em si, mas a maneira como está sendo promovida e administrada.
- ▶ Se pudermos superar a inflexibilidade ideológica e os poderosos interesses das instituições multilaterais e multinacionais do Ocidente, a globalização poderá trazer enormes benefícios para todos.

Sinopse

A tese que permeia *A globalização e seus malefícios* é que a globalização não resultou nos benefícios econômicos prometidos para algumas nações mais pobres do mundo. Na verdade, os ricos estão cada vez mais ricos e os pobres, cada vez mais pobres. Muito desse fracasso deve-se aos efeitos perversos das instituições multilaterais, especialmente o FMI e o Banco Mundial, inclusive do legado de empréstimos para o Terceiro Mundo e dos programas de ajustes estruturais a estes condicionados.

Stiglitz define a globalização como “a integração mais próxima de países e povos do mundo... causada pela enorme redução de custos de transporte e comunicação e pela eliminação de barreiras artificiais para os fluxos de mercadorias, serviços, capital, conhecimento e (em menor escala) pessoas através das fronteiras internacionais”. O processo não é intrinsecamente ruim, mas tem sido acompanhado de uma ladainha de políticas que têm causado mais danos do que benefícios aos países em desenvolvimento, entre as quais austeridade fiscal, altas taxas de juros, liberalização do comércio, liberalização dos mercados de capitais, privatização e reestruturação do mercado financeiro.

De acordo com Stiglitz, essas políticas são resultado de um compromisso ideológico para liberar mercados que é quase dogmático, especialmente no âmbito do FMI. Ele acredita que o FMI tende a agir segundo os interesses dos credores e das elites ricas em detrimento dos pobres, e que não é suficientemente aberto para as visões e perspectivas destes últimos. Afinal, foi essa ideologia cega, somada à “má economia” e aos “interesses particulares discretamente velados”, que resultou na transição da “terapia de choque” russa, que foi o equivalente econômico do

Oeste Selvagem. Em compensação, a China adotou sua própria forma de gradualismo com sucesso muito maior.

Stiglitz propõe algumas reformas sistêmicas:

1. *Reconhecimento do perigo da liberalização do mercado de capitais*: o “hot money” (dinheiro de disponibilidade imediata e cairríssimo) impõe altos custos àqueles que não são parte direta das transações.
2. *Reformas da lei de falência e moratória*: é preciso um “supercapítulo 11” na lei (da legislação norte-americana) para abordar as reformas referentes à falência e moratória que ocorrem em razão dos distúrbios macroeconômicos.
3. *Menos dependência dos socorros*: pelo mecanismo do “risco moral”, estes encorajam, em vez de desencorajar, a continuação do investimento de risco.
4. *Melhoria da regulação bancária*: tanto nos países desenvolvidos quanto nos menos desenvolvidos.
5. *Gestão aperfeiçoada de risco*: países em desenvolvimento e instituições financeiras deveriam estruturar empréstimos de forma a mitigar os riscos de grandes flutuações.
6. *Redes aperfeiçoadas de segurança*: estas são inadequadas nos países em desenvolvimento em geral, e em setores específicos de economias desenvolvidas, tais como agricultura e pequenos negócios.
7. *Respostas aprimoradas para crises*: os interesses dos trabalhadores e dos pequenos negócios têm de estar equilibrados em contraposição às preocupações dos credores.

Além disso, para Stiglitz, no futuro o FMI deveria “limitar-se à sua principal área de atuação, a

administração de crises; não deveria mais se envolver (fora das crises) em desenvolvimento ou economias de transição”. Economias em desenvolvimento e aquelas em transição do comunismo são mais bem atendidas pelas

habilidades próprias de cada país, por soluções domésticas – em parcerias internas –, em vez de estarem sob a supervisão imperiosa de instituições financeiras internacionais. Os pacientes têm de curar a si mesmos.

Tópicos do livro

- [O FMI] não estava participando de uma conspiração, mas refletindo os interesses e a ideologia da comunidade financeira ocidental.
- As decisões foram tomadas com base no que pareceu ser uma mistura curiosa de ideologia e má economia, dogma que algumas vezes pareceu estar encobrendo sutilmente interesses particulares.
- Enquanto trabalhava equivocadamente para resguardar o que via como a santidade do contrato de crédito, o FMI estava disposto a romper o contrato social, que deveria ser mais importante.
- Há dinheiro para socorrer bancos, mas não para pagar por melhores educação e serviços de saúde, quanto mais para socorrer trabalhadores que são dispensados como resultado da má administração macroeconômica do FMI.
- A globalização pode ser remodelada e, quando isso acontecer, quando for conduzida de maneira adequada e justa, com todos os países tendo voz nas políticas que os afetam, é possível que venha a ajudar a criar uma nova economia global em que o crescimento não será somente mais sustentável e menos volátil, mas na qual os frutos desse crescimento serão compartilhados mais equitativamente.

Sobre o autor

Joseph E. Stiglitz (nascido em 1943) é economista norte-americano, mais conhecido por seu trabalho em economia da informação e impactos da globalização.

Ele formou-se pelo Amherst College, recebeu um PhD do MIT em 1967, tornou-se professor titular de Yale em 1970 e, em 1979, foi agraciado com o prêmio John Bates Clark, concedido bienalmente pela Associação Americana de Economia ao economista de menos de quarenta anos que tenha prestado a mais rele-

vante contribuição para a área. Lecionou em Princeton, Stanford, MIT, tendo sido também professor da Drummond e membro do conselho do All Souls College, de Oxford. Atualmente é professor da Universidade de Columbia, em Nova York, e presidente da Comissão do Pensamento Global da Universidade de Columbia. É ainda cofundador e diretor executivo da Initiative for Policy Dialogue, da Columbia, e diretor dos programas de pós-graduação ministrados no verão no Brooks World Poverty Institute.

Stiglitz foi membro do Conselho de Consultores Econômicos de 1993 a 1995, durante a administração Clinton, e trabalhou como presidente da CEA de 1995 a 1997. Tornou-se então economista-chefe e vice-presidente sênior do Banco Mundial, de 1997 a 2000.

Em 2001, recebeu o Prêmio Nobel de Economia por suas análises de mercados com informações assimétricas. Seu trabalho ajudou a explicar as circunstâncias sob as quais os mercados não trabalham bem e como a intervenção seletiva do governo pode melhorar o desempenho deles.



Em suas próprias palavras

(entrevista de 2008)

Reflexões sobre o livro

Eu tinha sido economista-chefe do Banco Mundial, vice-presidente sênior, e havia tomado parte em uma série de assuntos importantes: a transição dos países comunistas para o mercado, a crise da Ásia oriental, a crise financeira global de 1997–1998, bem como a tentativa de criar um regime de comércio que fosse favorável ou, ao menos, justo para os países em desenvolvimento. Minha insatisfação com a maneira pela qual cada uma dessas crises foi administrada motivou-me a escrever o livro, com a esperança de que, expondo os problemas, talvez algo pudesse ser feito em relação aos processos democráticos.

Os problemas não eram intrínsecos à globalização; no entanto, a maneira como a globalização foi administrada tornou-se desvantajosa para os países em desenvolvimento, e até mesmo para muitas pessoas dos países desenvolvidos. Um dos paradoxos foi que, enquanto, em princípio, supunha-se que todos ficariam melhor em consequência da globalização, na prática houve um levante de oposição, tanto no norte como no sul. Isso acabou unindo muita gente no mundo contra a globalização, por causa do modo como foi administrada. Houve alguns vencedores, mas os perdedores foram em número muito maior.

O papel dos negócios

Acho que existe uma grande variedade de comportamentos corporativos, alguns muito bons, outros muito ruins. Estava ocupando-me

do Alasca e percebi que a maioria das empresas de petróleo que operam no Estado tentava burlar as leis. No outro extremo há empresas como a Hydro, na Noruega, que não estão apenas tentando ativar a agenda da transparência, mas também a dos direitos humanos. Essa é uma contribuição importante para a responsabilidade corporativa. Alguns pensam que responsabilidade corporativa é só uma boa página na internet; outros estão realmente tentando fazer algo a esse respeito.

Deveríamos reconhecer que há algumas empresas que estão tentando melhorar a produtividade dos pobres e outras que reconhecem que se pode tirar vantagem deles. Nos Estados Unidos, tivemos a crise das hipotecas *sub-prime* (crédito de risco). As instituições bancárias americanas perceberam que havia dinheiro na base da pirâmide e disseram: “Temos de pegá-lo para nós como lucros corporativos”. E foi o que fizeram. E atualmente milhões de americanos estão perdendo suas casas e, com isso, as poupanças de uma vida toda.

Olhando para o futuro

Antes dos distúrbios que ocorreram em Seattle havia um entusiasmo que não estava adequado à realidade.

À medida que as pessoas começaram a olhar para o que sucedia no FMI e no Banco Mundial e para os fracassos da regulação dos mercados financeiros globais, houve um amplo reconhecimento de que algo não havia dado certo. Assim, é necessário compreender que há um problema antes de se começar a mudar. Por outro lado, há algumas pessoas que se beneficiam do sistema da forma como ele é hoje, e elas vão tentar dificultar as mudanças que têm de ser feitas. Em toda parte há grandes oportunidades na globalização para ganhos tanto para os países desenvolvidos quanto para os em desenvolvimento; no entanto, os interesses particulares exercem importante papel.

OUTROS LIVROS (SELEÇÃO)

Whither socialism? (MIT Press, 1996).

The roaring nineties: a new history of the world's most prosperous decade (W.W. Norton & Co., 2003).

Fair trade for all: how trade can promote development (com Andrew Charlton) (Oxford University Press, 2005).

Making globalization work (W.W. Norton & Co., 2006).

The three trillion dollar war: the true cost of the Iraq conflict (Allen Lane, 2008).

MAIS INFORMAÇÕES

Website oficial de Joseph Stiglitz:

www2.gsb.columbia.edu/faculty/jstiglitz

Columbia's Initiative for Policy Dialogue:

www0.gsb.columbia.edu/ipd